

Palocci: juros altos continuam

Titular da Fazenda diz que governo não tem plano B para debelar a inflação

Givaldo Barbosa

Eliane Oliveira e Vivian Oswald

BRASÍLIA

O ministro da Fazenda, Antonio Palocci, deixou claro ontem que a política de juros altos é e continuará sendo o principal instrumento usado para debelar a inflação, e que, por isso, não existe um plano B em estudo pelo governo. Segundo Palocci, a inflação preocupa e seria uma insanidade mudar os rumos da economia do país no momento em que os indicadores econômicos começam a melhorar. O ministro assegurou que sua equipe tem carta branca do presidente Luiz Inácio Lula da Silva para conter uma escalada dos índices de preços.

— Teremos uma política monetária ajustada para garantir que a inflação fique sob controle. É evidente que o presidente Lula está preocupado, mas ele nunca demonstrou incompreensão em relação a isso. Falar em mudanças da política econômica com os indicadores melhorando seria uma insanidade — disse Palocci. — Juros altos são vistos como remédio, mas não se discute a doença que precisamos combater, que é a inflação.

Projeção de inflação continua em alta

• Palocci lembrou que o risco-Brasil caiu de 2.400 pontos, no fim do ano passado, para 1.100 pontos. Disse que os analistas internacionais têm tido uma avaliação favorável em relação à economia brasileira e que o dólar já começa a cair. Ele também citou os superávits da balança comercial brasileira, que, nos últimos 12 meses, já acumula um saldo de cerca de US\$ 15 bilhões.

O ministro disse, ainda, que medidas duras como a alta dos juros e o contingenciamento de gastos públicos não agradam a ninguém, mas são necessárias. Segundo ele, o governo está criando condições para o crescimento da economia.

— É por isso que não há plano A nem plano B. O plano é do presidente Lula, divulgado e escolhido pelo país. Estamos plenamente



‘É evidente que Lula está preocupado (com a inflação), mas nunca demonstrou incompreensão em relação a isso’

conscientes das medidas que estamos tomando. Em vez de cobrarmos mais impostos da população e das empresas, estamos cortando os nossos gastos — afirmou.

A pesquisa semanal “Focus”, divulgada ontem pelo Banco Central, mostra que as projeções do mercado para a inflação continuam subindo. Segundo a pesquisa feita na semana passada, o mercado aumentou sua estimativa para a inflação medida pelo IPCA de 12,06% para 12,33% este ano. Mesmo assim, Palocci afirmou que o governo não

‘Não há plano A nem plano B. O plano é do presidente Lula, divulgado e escolhido pelo país’

pena em mudar a meta de 8,5% para 2003, embora tenha admitido que, nas conversas com a missão técnica do FMI, até a semana passada, a inflação foi o tema de maior preocupação de ambos os lados.

Palocci disse que as tarifas públicas são uma das principais fontes de preocupação, devido ao impacto de seus reajustes na inflação. Mas garantiu que não haverá rompimento de contratos e que qualquer mudança de índice de correção dos preços será negociada com as empresas fornecedoras.

O ministro demonstrou confiança na aprovação da segunda revisão trimestral do acordo com o FMI e, conseqüentemente, na liberação da parcela de US\$ 4,2 bilhões ao Brasil ainda este mês. Ele frisou, porém, que o governo ainda não decidiu se irá sacar o dinheiro.

— Temos até a próxima revisão trimestral (em maio) para decidir sobre isso — disse ele.

No memorando, que ainda será examinado pelo FMI em Washington, foi mantida a disposição do governo de dar continuidade à privatização dos bancos estaduais. Mas o ministro pediu que fossem retirados o que ele chamou de medidas de varejo como o compromisso de enviar ao Congresso, ainda em março, alternativas para a CPMF, que deixa de vigorar no fim deste ano.

► NO GLOBO ON LINE:

Ouç a entrevista do ministro da Fazenda, Antonio Palocci
www.oglobo.com.br/economia